

AS NOSSAS FESTAS

A chegada do verão e dos dias quentes, acompanhada com a chegada dos amigos emigrantes, e o fim das aulas, arrasta consigo o frenesim das chamadas “festas religiosas”. As comunidades cristãs desdobram-se em reuniões, programas e programações, correrias e euforias que, em muitas das situações, culminam em cansaço, aborrecimento, divisão e até exemplo do que não se deve fazer. Há muito tempo que as “festas religiosas” deixaram para trás o sentido religioso e cristão. Na maioria dos casos, salvam-se algumas honradas exceções, estas festas que deveriam ser expressão de fé são verdadeiros momentos em que impera o paganismo.

Vamo-nos desculpando dizendo e afirmando que são os sinais dos tempos, que a sociedade nos empurra para estas situações, e até que a igreja precisa destes momentos como fonte de receitas. Justificamos sempre o injustificável. A verdade é que nos vamos afastando de forma suave da verdade das referidas festas. Elas foram uma forma bela e honrada de homenagear os santos padroeiros e ninguém duvida que foram um forte momento de coesão e união das pessoas. As comunidades católicas centravam a sua caminhada neste momento enriquecedor que, mesmo com algum bairrismo à mistura, fortaleciam os laços e a fé.

Tempos houve em que estas festas foram verdadeiros pontos de chegada de uma caminhada e ponto de partida para um novo dinamismo. Tardes soalheiras passadas em amena cavaqueira e mesas fartas onde a amizade e o reencontro eram cartão de visita, deram lugar a barulhos ensurdecadores e gritarias tresloucadas para conversas sem nexos e sem ideias.

Os momentos religiosos são relegados para segundo plano e reduzidos a uma missa, na qual os festeiros nem participam porque à mesma hora está em funcionamento o restaurante, e uma procissão feita de forma desorganizada e à maneira de passerelle para desfile e poses que mais tarde irão fazer parte de um post qualquer no faceboock. E as noites com sons estridentes para que se possam ouvir o mais longe possível e ao mesmo tempo impeçam a conversa entre amigos, trazem consigo a confusão e a evasão.

E assim honramos os nossos padroeiros.

Sem dúvida sinais dos tempos e da fé que vivemos no nosso tempo.